

CEDI

O Estado do Paraná - 04/03/80

Ato público 190 pró-índios

Na sexta última, realizou-se um ato público no Colégio Estadual, às 20:00 horas, pró-Mangueirinha Indígena e pela devolução da terra aos índios.

Houve uma participação maciça, tendo em vista o apoio dado por quase 40 (quarenta) entidades só do Paraná e umas 20 (vinte) de outros Estados.

A luta em prol dos índios vem de longa data, por parte de todas as entidades que apoiaram o ato público, decorrente especialmente da morte de dois líderes indígenas: Ângelo Pankararé, da Bahia e o Ângelo Cretan, do Sudoeste do Paraná. No ato foi feito um minuto de silêncio não só pela morte dos dois, mas de todos os assassinados pelos brancos grileiros e especialmente por mais um da reserva de Xapéco, ocorrido durante a semana e que ficamos sabendo durante o ato.

Foi elaborado um livreto, muito bom, com todas as moções de apoio das entidades, que poderá ser encontrado nas entidades promotoras e apoiadoras.

A propósito da violência

O problema da violência em nossa sociedade vem atingindo proporções alarmantes. Para defender-se, a população não sabe mais o que fazer: recorre a cadeados, sistemas de alarme, cães de guarda, e até armas; pede policiamento ostensivo, o exército nas ruas, a pena de morte, o porte generalizado de armas e, como numa explosão desesperada, ocorrem os linchamentos.

O rádio, a TV e a imprensa em geral fazem da violência o seu "prato de cada dia". Na maioria das vezes coloca-se a questão: como solucionar o problema da violência a curto prazo? Cria-se um clima de agitação e insegurança total, exacerbam-se os ânimos, instiga-se o ódio aos marginais, desperta-se o espírito de vingança, a mentalidade de guerra. Em suma: mais violência para se combater a violência.

Enquanto isso, a violência maior, a "violência mãe" é cuidadosamente silenciada. Trata-se da violência contra as massas exploradas e marginalizadas:

— A violência contra a metade da população brasileira que recebe apenas 11% da renda nacional, enquanto 67% da mesma renda vão para os 20% mais ricos.

— A violência contra os assalariados que recebem vencimentos 100, 200 ou até 300 vezes inferiores aos vencimentos de seus patrões, e que vêem seus recursos minados pela inflação galopante, deixando no desespero pais e mães ao verem seus filhos adoecerem e morrerem de desnutrição.

— A violência contra os subempregados e desempregados, tão frequentemente presos e espancados pelo único crime de não terem os documentos e o emprego que a sociedade lhes nega.

— A violência contra os usuários do Inamps, do FGTS, e de todos os órgãos públicos ineficientes, desfalcados de verbas, atrofiados pela burocracia.

— A violência contra o pequeno proprietário de terra e o agricultor, ambos expulsos do campo e sem condições de integrar-se nas cidades.

— A violência contra os

habitantes de bairros pobres das grandes cidades, sem um mínimo de infra-estrutura de água, esgotos, luz, telefone, escolas, postos de saúde, condução, etc., enquanto os bairros chiques são equipados com obras faraônicas e supérfluas.

— A violência policial contra os sindicatos, manifestantes populares grevistas e até igrejas, sem falar na tortura e no assassinato de presos e marginais.

— A violência que constitui o fato de se fazer um orçamento da União para 1980 em que apenas 4,28% dos recursos do País são destinados para a educação, quando se sabe que há no Brasil 25 milhões de menores abandonados.

Todos esses fatores e ainda muitos outros, constituem a violência estrutural da nossa sociedade, que se procura esconder atrás de uma campanha intensiva contra a violência das ruas. Desta maneira, canaliza-se a opinião pública para descarregar toda a sua insegurança e insatisfação sobre o "bode expiatório" do marginal, enquanto se sanciona a desordem básica responsável pela situação atual.

Que fique bem claro: a violência que se quer combater a curto prazo e com o emprego da força, é a manifestação do *DESESPERO* em que vive o nosso povo. Desespero causado por uma violência profunda e oculta, que mata aos poucos, de fome, de doença, de frio, de abandono, de desprezo, de aniquilamento diário. É esta, portanto, a violência que deve ser combatida, a curto, médio e longo prazo, se queremos evitar que o País se transforme numa praça de guerra entre nós à espiral vórtigas da violência.

Assinam: Teresita M.P., Cavalcanti, Antonio Moacir de Rezende, Regina Maria da Veiga Pereira, Geraldo Jordão Pereira, Sonia Novaes de Rezende, Luiz Alberto de Souza, Maria Candida Diaz Bordenave, Juan Diaz Bordenave, Lucia Ribeiro de Souza, Maria Cristina Fernandez, Carlos Minayo, Maria Cecília de Souza Minayo.

(UNICAMP — CAMPINAS).

38